

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUCSP

EVA REJANE DE MENEZES BORDUQUE

A COMUNICAÇÃO ORAL NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR:
SABERES DOCENTES TRABALHADOS NOS CURSOS DE
PEDAGOGIA

São Paulo
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUCSP

EVA REJANE DE MENEZES BORDUQUE

**A COMUNICAÇÃO ORAL NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR:
SABERES DOCENTES TRABALHADOS NOS CURSOS DE
PEDAGOGIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial à obtenção do título de Especialista, no curso de especialização em Magistério de Ensino Superior, da PUCSP, sob a orientação da Profa. Dra. Alda Luiza Carlini.

São Paulo
2010

Agradecimentos

À Prof^a. **Alda Luiza Carlini**, pela oportunidade que me deu ao aceitar-me como sua orientanda. Minha gratidão por compartilhar seu conhecimento e por sua sensibilidade em saber das prioridades do trabalho acadêmico e das minhas limitações. Agradeço de todo coração pela ajuda e compreensão e que Deus te ilumine sempre.

À Prof^a. **Sonia Aparecida Ignácio Silva**, pelas sugestões feitas e pelas intervenções intensas e calorosas.

À minha Família: Roberto querido companheiro e colaborador, Karina e Kaio meus filhos amados e queridos, que ficaram comigo e me apoiaram nos momentos de angústia e incertezas. Agradeço o amor e as palavras de incentivo.

A todos os mestres que até aqui passaram pela minha vida, pois me lembro de cada um deles com carinho e saudade. Professora Débora, que me alfabetizou; professora Elga, que me fez amar a docência com suas aulas de didática e metodologia no curso de graduação; e professora Alda que, sabendo das minhas limitações, me recebeu com bondade para conduzir esse trabalho de pós-graduação.

À professora Leila pela colaboração e generosidade em cooperar com a minha pesquisa, disponibilizando suas aulas para a realização e aplicação do questionário.

Aos meus alunos e aos alunos da professora Leila, com quem pude compartilhar minhas idéias sobre ensino de comunicação oral, e que gentilmente colaboraram com a minha pesquisa.

RESUMO

BORDUQUE, Eva Rejane de Menezes. **A Comunicação Oral na Formação do Educador: saberes docentes trabalhados nos cursos de Pedagogia**. Trabalho de Conclusão de Curso. Magistério de Ensino Superior. PUCSP. 2010.

O presente estudo teve por objetivo geral analisar as percepções de estudantes de Pedagogia quanto à importância que atribuem à comunicação oral em sua formação. Identificando o grau de importância atribuído à comunicação oral para o sucesso profissional do docente e diagnosticando os momentos da aula em que os saberes de comunicação oral são trabalhados pelos professores, com a intenção formal de desenvolver as competências relacionadas à oratória nos alunos. Foi desenvolvida com base em metodologia exploratória, após levantamento e fundamentação bibliográfica, seguidos de estudo de caso apoiado na observação de vivências acadêmicas dos estudantes, relativas ao processo de desenvolvimento da competência de comunicação oral, e de aplicação de questionário com questões fechadas, aos alunos, que investigou suas atitudes frente aos desafios de falar em público, e suas percepções, em relação ao desempenho acadêmico e à competência de comunicação oral. Permite - me afirmar que é necessário estimular o aluno para desenvolver, ainda no período de formação acadêmica, as habilidades de comunicação oral; e que cabe às instituições de ensino estimular esse processo em situações de planejamento e realização de apresentações; em situações didáticas sob supervisão docente e considerando a diversidade lingüística do país. Longe de pretender apontar solução essa pesquisa tem a intenção de alimentar o debate sobre um aspecto da formação docente que precisa ser tratado com atenção.

Palavras-chaves: Pedagogia, Comunicação Oral, Formação Acadêmica.

SUMÁRIO

Introdução.....	06
Capítulo 1	
Comunicação Oral.....	08
Capítulo 2	
A comunicação oral na Educação e nos cursos de Pedagogia.....	18
Capítulo 3	
Procedimentos metodológicos.....	30
Considerações finais.....	40
Referências	
Anexos	

INTRODUÇÃO

Aprender a tomar a palavra, é essencial na vivência dos homens, a fim de ter uma participação ativa e produtiva na sociedade. É complemento indispensável de sua formação acadêmica, por isso o pedagogo que não apresenta suas idéias com clareza ou não sabe defender seus argumentos diante de um grupo, enfrenta problemas tanto na sala de aula como na sua atuação em outras esferas sociais.

Criar diferentes contextos dentro da sala de aula, tanto da educação básica como no ensino superior é de fundamental relevância para o desenvolvimento da oralidade eficiente nos indivíduos alfabetizados e letrados. Seminários, debates e entrevistas são gêneros em que a língua oral pode ser organizada nas salas de aula. E o empenho do professor para que a aprendizagem da comunicação oral aconteça deve ter a mesma intensidade dos empregados aos gêneros escritos. Ou seja, é preciso criar contexto, sistemáticos e organizados de produção para os gêneros orais na sala de aula desde o início da alfabetização. Somente dessa forma teremos alunos com noções de comunicação oral eficientes, possibilitando que se apropriem de técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão nas mais variadas situações de comunicação.

Sabe-se que professores e alunos de cursos de graduação têm um currículo a ser seguido e, com certeza, nele estão contidos conteúdos e procedimentos que, “presume-se”, sejam suficientes para o futuro professor ter condições mínimas de enfrentar uma sala de aula e fazer seu trabalho da melhor forma possível. Mas a realidade é mais complexa e tem mostrado que a formação desejada está longe ser alcançada e que muitas competências e habilidades ainda precisam ser trabalhadas em prol da qualidade formativa desses alunos. Uma das competências negligenciada na formação acadêmica nos cursos de Pedagogia a meu ver seria: *A comunicação Oral*.

A fala como a escrita são elementos da língua e conseqüentemente devem receber a mesma atenção no processo ensino e aprendizagem, no entanto, não são poucos os alunos que chegam ao ensino superior com problemas de comunicação oral, muitas vezes justificados por dificuldades de dicção ou de timidez, por exemplo.

A grande maioria dos alunos dos cursos superiores apresenta falha tanto na escrita como na interpretação de texto e também na expressão verbal. O diagnóstico precoce seria o descaso que se percebe quanto à importância do desenvolvimento da oratória e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

O interesse sobre o assunto vem, na verdade, de um questionamento particular, pelas dificuldades que foram surgindo no decorrer da minha formação acadêmica e pela situação de muitos colegas em ocasiões de apresentação de trabalhos, em que o pânico e o desconforto surgiam quando era necessário falar em público.

Esta investigação teve por objetivo conhecer o grau de compreensão e de valorização da comunicação oral no processo de formação dos futuros pedagogos, a fim de perceber o grau de importância atribuído à comunicação oral no contexto de sala de aula. Teve ainda a tarefa de fazer alusão à importância da comunicação oral e à origem da linguagem no desenvolvimento humano. A intenção foi considerar o tema como um dos instrumentos fundamentais do processo de ensino e aprendizagem dos profissionais da educação.

Para tanto, teve por objetivo geral, analisar as percepções de estudantes de Pedagogia quanto à importância que atribuem à comunicação oral em sua formação. E, por objetivos específicos:

- Identificar o grau de importância atribuído à comunicação oral para o sucesso profissional do docente;
- Diagnosticar os momentos da aula em que os saberes de comunicação oral são trabalhados pelos professores, com a intenção formal de desenvolver as competências relacionadas à oratória nos alunos.

Desenvolvida com base em metodologia exploratória, após levantamento e fundamentação bibliográfica, seguidos de estudo de caso apoiado na observação de vivências acadêmicas, dos estudantes, relativas ao processo de desenvolvimento da competência de comunicação oral, ocorridas em sala de aula (Roteiro de observação em Anexo 1) e de aplicação de questionário com questões fechadas, aos alunos, (Questionário em Anexo 2) investigando suas atitudes frente aos desafios de falar em público, e suas percepções, em relação ao desempenho acadêmico e à competência de comunicação oral.

CAPÍTULO I

COMUNICAÇÃO ORAL

Introdução

Considerando que a comunicação oral eficiente não é uma habilidade inata no ser humano, mas sim, é uma construção sistemática de conhecimento e de práticas constantes, adquiridas através de experiências vividas. O capítulo a seguir trata da importância de trabalhar a comunicação oral durante o percurso acadêmico dos futuros profissionais da educação, apresentando-a como uma das ferramentas imprescindíveis ao desenvolvimento pessoal, contribuindo para a promoção e aceitação social.

Não se pode negar a importância da escrita e sua contribuição para a humanidade, no entanto, não se pode deixar de compreender que é através da comunicação oral que a escrita se desenvolve. De modo geral, quando se fala em oralidade, logo se pensa em exposição oral, na palavra falada, no discurso, na oratória, enfim, na ação que traduz o pensamento em linguagem, por meio de uma exposição pública. Por isso, a complexidade dessa ação precisa ser entendida como fator essencial na construção do profissional que vai transmitir conhecimentos durante sua atuação como educador. É preciso também compreender que nem todos os egressos dos cursos de Pedagogia têm a percepção de que a comunicação oral e o ato de falar em público demandam, muitas vezes, uma atenção especial, já que não é uma característica comum a todos.

E, além disso, que saber agir, pensar, resolver e dialogar demanda necessariamente capacidade de comunicação oral, não apenas para compreender e se fazer compreendido, mas especificamente para saber ensinar, por isso “o aprender contínuo é essencial e concentra-se em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a instituição, como lugar de crescimento profissional permanente” (Nóvoa, 2002, p. 23).

Como sugere Castilho (1998, p. 121), “uma ênfase particular deveria ser dada à língua falada porque esta modalidade retém muitos dos processos que aparecem

na língua escrita”. A escola precisa reconhecer que a língua falada representa um marco inicial no processo educativo “reconhecer a comunicação oral como um conteúdo que lhes será importante para além da sala de aula, uma vez que a sociedade valoriza a comunicação oral como elemento indispensável para a convivência e o desempenho profissional”: (Marcuschi, 1986 apud Fávero, 2002, p. 64).

A comunicação Oral

A história mostra que a escrita é um invento relativamente recente: nos países mais desenvolvidos, ela aparece há cerca de cinco mil anos. Inicialmente desenvolveu-se a pictografia (pintura), em que a ideia era transmitida por meio de símbolos ou representações figurativas. A expansão da escrita foi bastante lenta e em muitos locais surgiu apenas em épocas ainda muito recentes quase sempre marcadas pelo processo de colonização. Um aspecto muito importante, que pode ser observado nesta investigação, é que mesmo sem a escrita os fatos históricos foram transmitidos oralmente, através dos séculos, e que ainda hoje há muitos povos sem escrita, que apenas conhecem a comunicação oral.

A palavra *comunicação* origina-se do latim *communicare*, que significa partilhar, dividir, tornar comum, associar, trocar opiniões. Segundo o Dicionário Aurélio

Comunicação é o ato ou efeito de comunicar (-se), emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos e símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou visual, ou seja, além da fala, as expressões corporais, o olhar, o silêncio e a maneira de se vestir também são formas importantes de se comunicar.

A comunicação oral é a ação de se comunicar com alguém, de estar em contato com outrem, geralmente pela linguagem verbal entre um locutor e um interlocutor.

A comunicação inclui todos os procedimentos por meio dos quais, uma mente pode afetar outra mente, dependendo para isso de sua habilidade em argumentar e expor ideias e pontos de vista. Isto, obviamente, envolve não somente as linguagens

escrita e oral, mas também música, artes, teatro, dança, enfim todo comportamento humano.

Partindo do estudo da origem, formação e evolução das palavras (etimologia), fica claro que a comunicação é muito mais do que o simples ato de falar ou de informar. O processo de comunicação pressupõe o diálogo entre o emissor e o receptor, entre os quais se dá uma troca (*feedback*) de conhecimento e de opiniões, com características particulares e sempre com um propósito definido. Em contrapartida, a informação é um dado neutro unilateral e que, portanto, não pressupõe troca. Informação é apenas um dos elementos da mensagem, que o comunicador utiliza para realizar sua ação.

Por essa diferença básica entre comunicação e informação, é possível perceber que a informação apresenta um nível de credibilidade menor, pois não permite, de imediato, por meio dela, apurar, discordar ou aprofundar o assunto em questão, restando ao receptor/ouvinte aceitar o que está sendo informado.

A comunicação oral, de acordo com o artigo: **Componentes básicos para uma apresentação em público**, de Rosângela Curvo Leite (2008), apresenta alguns componentes básicos que representam a interação e, ao mesmo tempo, a interferência de uns com os outros. Entre eles, vale mencionar:

Emissor = o emissor, locutor ou pessoa que emite, é aquele que está emitindo a mensagem num determinado contexto.

Receptor = Pessoa que recebe e decodifica a mensagem, destinatário ou ouvinte, é a pessoa ou grupo de pessoas situadas na outra ponta da cadeia de comunicação (alvo da comunicação).

Mensagem = Comunicação importante transmitida por alguém que é considerado como portador de uma revelação ou elo entre o emissor e o receptor; objeto da comunicação, tradução de idéias, objetivos e intenções.

Os pontos fortes de numa mensagem são:

- **Conteúdo:** refere-se exatamente ao que será dito a respeito de um determinado assunto.
- **Estilo:** está relacionado à maneira como será apresentado o conteúdo, poderá variar desde o mais informal até o mais formal.

- **Estrutura:** diz respeito à organização da mensagem. Uma mensagem bem organizada apresenta todos os seus elementos ligados logicamente entre si, ou seja, começo, meio e fim.

Feedback = conjunto dos sinais perceptíveis que permitem ao emissor conhecer o resultado de sua mensagem: se foi recebida ou não, se foi compreendida ou não. Funciona como intercâmbio entre emissor e receptor, faz com que a comunicação torne-se um processo bilateral e inclui a reação do receptor à mensagem transmitida.

Em geral, a oralidade possibilita conservar vivas as tradições e a cultura de um povo por gerações e gerações. Mas, para que exista essa interação entre os seres é necessário haver uma linguagem comum a todos aqueles que participam desse processo (línguas), e essa faculdade humana de produzir significado por meio da linguagem representa uma função social (comunicação entre os homens), uma função cognitiva (visão do mundo) e uma função pragmática (interação entre os homens).

A linguagem como objeto de aprendizagem

A linguagem corresponde a qualquer sistema de signos ou sinais, através dos quais dois ou mais seres se comunicam entre si para transmitir e receber informações. Embora seja possível observar sistemas de linguagem entre animais e até vegetais, é no homem que ela atinge altos níveis de aperfeiçoamento e de expressividade, possibilitando um dos muitos componentes básicos para a construção de conhecimentos e a transmissão de cultura, de costumes e relatos da história.

O termo **linguagem** designa um sistema organizado de símbolos, complexo, extenso e com propriedades particulares que desempenha uma função de codificação, estruturação e consolidação dos dados sensoriais, transmitindo-lhe um determinado sentido ou significado e permitindo ao homem comunicar as suas experiências e transmitir os seus saberes.

Entre as várias formas de linguagem (oral, gestual e escrita), é a oral que mais potencial apresenta. A linguagem faz parte do contexto histórico de uma sociedade, pois é através dela que a cultura social existente é transmitida no decorrer do tempo aos diferentes grupos.

A interação verbal entre os sujeitos sociais é a forma mais antiga de comunicação conhecida pelo ser humano, pois está presente na convivência familiar, desde o nascimento, e ocorre de forma natural e espontânea.

A primeira manifestação do que será a linguagem no ser humano aparece sob a forma de atos pulsionais (instinto), conforme a corrente de pensamento desenvolvida por Jean Piaget: Para ele, os gritos e balbucios constituem a marca inicial pela qual o bebê começa a exercitar seu aparelho fonador. Já as relações que unem a aquisição da linguagem e o desenvolvimento do conhecimento são objetos de numerosas hipóteses ainda em discussão. A linguagem pode ser estudada a partir de dois pontos de vista: *segundo o uso ou segundo a estrutura*.

Quanto ao uso da linguagem, são consideradas as técnicas que organizam o raciocínio, como desenvolver, persuadir e como utilizar a fala. Este aspecto é fundamental, nesta investigação, pois evidencia que é através da comunicação que o sujeito se relaciona, se integra à sociedade, demonstra seus sentimentos e se constitui de forma singular numa sociedade plural, como pessoa e como profissional.

A estrutura da linguagem diz respeito à lingüística, ciência que estuda as linguagens naturais. Através das correntes lingüísticas (estruturalista e pós-estruturalista), a linguagem é definida como:

- 1) faculdade humana e geral de criar signos;
- 2) atividade pela qual o homem se comunica através de sons vocais.

Para os *estruturalistas*, as características da linguagem são: atividade mental e articulada, adquirida ou inata, com função de representar a realidade, exteriorizá-la, manifestando estados de espírito ou atitudes do locutor.

Os estruturalistas preocupam-se com as unidades lingüísticas que compõem a linguagem, como os fonemas, morfemas, sememas, estruturas frasais, e com as regras combinatórias (paradigmáticas e sintagmáticas). Ou seja, tratam do enunciado, acreditando que o objeto de estudo é a língua.

Para os *pós-estruturalistas*, a linguagem deve ser: textualizada (conteúdos organizados); intertextualizada (oposição entre conteúdos) e argumentativa (interação entre os interlocutores). Preocupam-se com os processos de produção da linguagem e/ou com o homem em relação a esse ato. Esse grupo considera o texto como unidade mais original do processo lingüístico e afirma que o homem não fala por palavras e frases, mas por textos. A língua não é mais vista como código que possibilita a comunicação entre os homens, mas como meio de interação entre os homens (visão pragmática) e de construção das realidades do mundo com objetivos próprios.

Dessa forma, torna-se possível entender que a linguagem é viva e dinâmica, com características evolutivas que caminham lado a lado com as mudanças da humanidade. O homem não utiliza da linguagem somente para colocar seu pensamento ou transmitir informações ao outro, mas também para impor ideias e atuar concretamente sobre o seu ouvinte. Isso significa também que a linguagem pode ser *afetiva e intelectual*, podendo se apresentar como uma simples informação de natureza intelectual, expressar sentimentos e emoções que um indivíduo experimenta ou deseja provocar em seu interlocutor.

A linguagem humana, com o passar do tempo e no decorrer de estudos, tem recebido diversas concepções e significados. Ela pode ser vista como um instrumento de comunicação, ou seja, é empregada como um recurso para transmitir informações; a linguagem pode ser apresentada como forma de ação, de interação entre os indivíduos que se correlacionam em uma sociedade e,

Segundo Koch (2000), “a linguagem é concebida como um meio utilizado pelo homem para representar seu pensamento e seu conhecimento de mundo”.

Mikhail Bakhtin (1895-1975), linguista russo, afirmou que “O homem se faz na linguagem e pela linguagem”. Segundo o autor, não se pode entender a língua isoladamente, mas é preciso considerar outros fatores, como: contexto de fala, a relação do falante com o ouvinte, o momento histórico, a capacidade de transmissão da mensagem, a conexão entre os indivíduos, a compatibilidade de interesses, etc. Por isso, é tão necessário compreender a extensão e a profundidade das relações orais entre os sujeitos.

A origem da linguagem oral

A linguagem oral, durante muito tempo, foi a base da preparação dos futuros dirigentes, responsáveis por assumir o poder em sociedade (Manacorda, 2006). Mesmo com a descoberta da escrita, a aprendizagem mantém sua importância, em especial, na forma de conselhos morais e comportamentais, no intuito de preparar o indivíduo para "falar bem", no contexto de uma educação reservada à classe dominante.

A comunicação oral foi amplamente difundida na civilização ocidental, em especial no Egito, Grécia e Roma. É possível observar que a linguagem verbal já tinha um papel fundamental na educação, em uma situação em que falar bem era o conteúdo e o objetivo de todo ensinamento, pois proporcionava formar o orador, o homem político.

Nas antigas civilizações, a força da linguagem oral era capaz de mudar os rumos da história, pois podia manter ou levar ao poder os dominadores e também destituí-los. A palavra era considerada uma arte já que com ela se pode dominar e convencer, dependendo de como é utilizada.

Nas assembleias, em que o povo grego discutia política, se destacavam as pessoas que falavam com propriedade e discernimento, se destacavam os cidadãos que tinham o dom da palavra e que conseguiam convencer os outros de seus pontos de vista.

Muitos deles não possuíam o conhecimento necessário, mas se destacavam pelo discurso eloquente, e com isso surgiu a necessidade de desenvolver técnicas que favorecessem os que não tinham o dom natural da argumentação e da persuasão.

A oratória tornou-se assim a base fundamental para a formação dos indivíduos e os cidadãos buscaram os conhecimentos para a arte do falar bem, não somente aqueles que aspiravam à vida política, mas também aqueles que a aplicavam em seus negócios e atividades. Poucos, porém, eram capazes de falar em público de modo eficaz.

Os indivíduos com menor habilidade na arte da oratória tinham de solicitar ajuda dos mais preparados. Surge com isso uma classe profissional de especialistas na arte de bem falar, conhecidos como os Sofistas (Chauí, 2004).

Os **sofistas** eram professores que viajavam de cidade em cidade realizando aparições públicas para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação. O foco central de seus ensinamentos concentrava-se no *logos ou discurso*, com ênfase em estratégias de argumentação.

Os mestres sofistas alegavam que podiam "melhorar" seus discípulos, na arte de falar em público, já que eles acreditavam que essa arte não era uma aptidão inata do homem, era na verdade uma técnica passível de ser ensinada.

A filosofia, durante muito tempo, preocupou-se em definir a origem da linguagem, e chegou à seguinte conclusão: a linguagem nasce da imitação (onomatopéia ou imitação dos sons dos animais e dos sons da natureza), nasce das necessidades (fome, sede), nasce das emoções (grito, surpresa, medo), nasce das necessidades de interação social.

A interação social representa bem a importância da comunicação oral, porque é por meio das palavras que o ser humano entra em contato com o outro, dialoga, argumenta, persuade, ensina e aprende.

A importância da linguagem aparece na obra de Aristóteles, **Política**, quando afirma que somente o homem é um "animal político", ou seja, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. (Chauí, 2004).

Jean-Jacques Rousseau também tem a mesma compreensão, quando escreve o primeiro capítulo do **Ensaio sobre a origem das línguas**, e afirma que "A palavra distingue os homens e os animais".

Platão, no diálogo de Fedro (texto com a discussão entre Sócrates e Fedro sobre a arte da oratória), afirma que a linguagem é um *pharmakon* (poção), que possui três significados: remédio, veneno e cosmético.

Remédio, pois é pelo diálogo e comunicação que o conhecimento é transmitido e o homem tem a chance de sair da ignorância. Veneno, pois as palavras podem servir para seduzir, alienar, difamar, e mesmo fascinar os que ainda se encontram na ignorância. Enfim, a linguagem se torna cosmético, quando é

usada para maquiagem as verdades, mascarar resultados ou inculcar a verdade através de palavras falsas.

A força da linguagem pode ser avaliada, por exemplo, quando se analisam os mitos e as religiões. “São transferências de cultura, de costumes e de credos, que marcam a nossa história e a nossa vida desde os tempos mais remotos” (Chauí, 2004, .p. 71).

Linguagem e pensamento não se separam, juntos eles conservam e interligam as ideias, possibilitando ao comunicador uma interação com o mundo a sua volta. A linguagem representa as memórias, a imaginação e as múltiplas percepções que temos do mundo. Segundo o linguísta dinamarquês Louis Hjelmslev,

A linguagem - a fala humana - é uma esgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual, ele influencia e é influenciado, e a base última e mais profunda da sociedade humana. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ele é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pais para filho. Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade. (2009, p. 32)

O texto acima define a beleza e a grandeza da linguagem oral e demonstra também que, durante toda a existência do homem, ela constitui um permanente esforço de comunicação, desde o momento em que passa a viver em sociedade, seja pela formação dos grupos familiares ou pela evolução do trabalho, a comunicação tornou-se imperativa.

E a sociedade contemporânea expressa o resultado do aperfeiçoamento e da evolução da comunicação entre os homens. Uma sociedade que se caracteriza pelo uso contínuo da tecnologia, pela globalização, pela interação planetária que, em resumo, se referem e dependem da Comunicação.

A linguagem é uma forma de comunicação, e cada palavra, cada gesto, é ação comunicativa, daí a importância da comunicação oral no mundo moderno e na formação do pedagogo.

A linguagem oral é uma ação que resulta na representação precisa do pensamento, mas para que isso ocorra é preciso conhecer a maneira certa de ouvir e de falar, dispor de uma base sólida de conhecimentos, de uma leitura precisa, de uma escrita laboriosa e principalmente de uma auto-análise, por parte do locutor. Projetar a voz publicamente é antes de tudo um desafio individual, que com certeza vai afetar o coletivo.

CAPITULO II

A COMUNICAÇÃO ORAL NA EDUCAÇÃO E NOS CURSOS DE PEDAGOGIA.

Introdução

Este capítulo tem por finalidade identificar possibilidades de desenvolvimento da comunicação oral em sala de aula, e reconhecer as atividades propostas pelos professores relativas a essa habilidade, em especial, em seminários e aulas expositivas. Dessa forma, pretende analisar a necessidade de trabalhar conteúdos curriculares voltados ao desenvolvimento da comunicação oral, já que o exclusivo domínio do conteúdo, ao contrário do que muitos imaginam, não é suficiente para garantir o bom desempenho do professor em sala de aula.

Muitas competências e habilidades são exigidas desse profissional, haja vista as inúmeras publicações sobre esse assunto, em que são identificadas, pelos especialistas em educação, muitas carências formativas.

Uma dessas carências refere-se à comunicação oral, considerando que atualmente a informação e a comunicação são competências pertinentes a todo profissional do mundo moderno. Parece ser significativo o número de alunos que, ao sair dos cursos de graduação, ainda não adquiriu competências técnicas para falar em público, para conduzir uma apresentação e para argumentar sobre determinado assunto.

O texto a seguir pretende questionar como o ambiente acadêmico dos cursos de Pedagogia atende às necessidades reais dos alunos, que enfrentam as dificuldades de falar em público no seu cotidiano acadêmico. Para isso, será necessário, em uma abordagem teórica, identificar alguns procedimentos de ensino que possam favorecer o trabalho com a oralidade em sala de aula.

Devem ser atividades cujos conteúdos sejam propostos de forma significativa e funcional; adequadas ao nível de desenvolvimento de cada aluno; que representem um desafio alcançável; que provoquem um conflito cognitivo e

promovam atividades mentais; que estimulem a auto-estima e o auto-conceito; que ajudem o aluno a adquirir habilidades inatas com o aprender a aprender.

Segundo Zabala (1999), “é na instituição escolar, através das relações construídas a partir das experiências vividas, que se estabelecem os vínculos e as condições que definem as concepções pessoais sobre si e os demais”. Ou seja, é no ambiente da sala de aula que se desenvolvem as dimensões da pessoa, caracterizadas pelos domínios conceituais, procedimentais e atitudinais, que podem ser desenvolvidos por meio de atividades articuladas e planejadas para que isso aconteça.

Dentro do contexto de que trata essa investigação, será necessário considerar uma breve análise das Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia, com o objetivo de identificar pontos relevantes que fortaleçam a intencionalidade da presença da comunicação oral nos processos de ensino e aprendizagem dos alunos desse curso.

A comunicação oral na Educação

Conhecendo a importância da fala na natureza humana, é possível afirmar que os educadores precisam reconhecer o papel da comunicação oral no desenvolvimento educativo e humano do indivíduo, pois é através da fala, da oralidade e da arte da oratória que professores e alunos compartilham ideias, debatem opiniões, geram conflitos intelectuais e fazem surgir pensamentos críticos e reflexivos. Sendo assim, reconhecendo que a fala acompanha o homem em suas aventuras desde as épocas mais remotas, como identificar na prática escolar o valor do ensino da oralidade? E por que trabalhar a oralidade pode ser tão importante na prática educativa?

O tempo passou e a forma de ensinar e aprender tem sido modificada. E, embora o desenvolvimento da habilidade de falar em público não esteja entre os objetivos explícitos das escolas, em geral, a expectativa de que os alunos dos cursos superiores saibam argumentar, contra-argumentar, defender suas idéias e pontos de vista, não foi abandonada.

Hoje, mais do que em qualquer tempo, todo projeto de desenvolvimento pessoal inclui habilidades de comunicação. As pessoas tornam-se expostas, em diferentes mídias, com mais frequência, e precisam se expressar bem para participar de reuniões, apresentar e defender projetos, lançar produtos, negociar, dar entrevistas, enfim, necessitam se comunicar em praticamente todas as atividades, considerando que cerca de 90% do fazer diário consiste de falar ou escutar.

Acima de tudo, é preciso se comunicar bem, pois a comunicação deficiente muitas vezes pode ser confundida com a falta de competência profissional. O responsável pela apresentação de um projeto, por exemplo, expressando-se com frases confusas, sem uma boa ordenação do raciocínio, equivocando-se na sequência dos argumentos, comportando-se com postura deselegante e gesticulação defeituosa, pronunciando mal as palavras, certamente estará também comprometendo o entendimento e a credibilidade de sua proposta.

Da mesma forma, numa reunião social, poucos teriam interesse em se aproximar, para conversar, de alguém que não soubesse se comunicar. Nessas situações, as pessoas querem estar ao lado de quem seja interessante na maneira de contar histórias, relatar fatos, comentar notícias, ou até mesmo que saiba fazer perguntas pertinentes no momento apropriado, com presença de espírito e, quando a circunstância permitir, com bom humor e discernimento.

Em geral, quem tem problemas de comunicação está sempre encontrando uma boa desculpa para não falar diante das pessoas, e fica nervoso, irritado, ansioso, coloca-se numa posição defensiva para se proteger, não participa espontaneamente das atividades que exijam comunicação e acaba prejudicando seu desempenho profissional.

É preciso considerar que características pessoais interferem no grau de facilidade ou de dificuldade de comunicação oral e que essa habilidade pode ser maior ou menor em determinados indivíduos.

No entanto, muitas vezes, a comunicação oral promovida em sala de aula, na relação professor-aluno, destina-se somente à apresentação de assuntos teóricos, quase sempre com o objetivo de avaliar conteúdos e tendo como público-alvo o professor responsável e os colegas de classe.

A apresentação em si não é considerada como requisito essencial a um bom desempenho futuro, não se destaca a importância da comunicação oral para a ação profissional, nem se considera que, vencido o tempo de graduação, o profissional enfrentará o mercado de trabalho. E diferentes públicos vão surgir à sua frente, cuja condição passiva de ouvinte não será mais sua zona de conforto, ou seja, ele terá de enfrentar alunos em salas de aulas, colegas em eventos científicos e o exercício cotidiano de sua profissionalização.

Tanto nos cursos de graduação quanto na vida profissional, o que os ouvintes querem, é assistir a aulas, seminários, enfim, apresentação de idéias e conteúdos envolventes, que causem empatia, em exposições claras, organizadas, acompanhadas de todos os recursos oferecidos pelas novas tecnologias.

Espera-se que um aluno de pedagogia saiba apresentar suas ideias, com uma comunicação simples e natural. Mas, não é isso que acontece, nas salas de aula das universidades. Os sujeitos, ao escolher uma profissão, nem sempre se preocupam com aspectos tão importantes, como: os aspectos comunicativos tão indispensáveis para atuar como docentes, e não procuram se perceber como falantes, como comunicadores em potencial ou como transmissores de conhecimentos.

Aprender a exercitar a comunicação oral, revisar a própria linguagem falada, e aprimorar as capacidades de oratória deve ser requisito indispensável para a formação de um educador.

É preciso substituir os processos de formação desse profissional construídos com base em comunicações vazias de significado, em práticas inadequadas que menosprezam os ouvintes. É necessário mudar o comportamento dos alunos e professores dos cursos de Pedagogia, a fim de criar oportunidades para por em prática, respeitando as suas características individuais, as estratégias para superar as eventuais dificuldades para falar em público.

O início desse processo de superação deve partir da tomada de consciência, por parte daqueles que não se consideram fluentes para se comunicar com o outro, tanto em situações de ensino e aprendizagem, como em situações rotineiras nos meios acadêmicos e mesmo na vida social.

É importante que, no interior da instituição de ensino e em especial da sala de aula, haja um esforço coletivo e consciente para que a prática didática e metodológica proporcione oportunidades para o aluno falar, expor suas ideias de forma clara e convincente para uma platéia que também esta aprendendo a ouvir.

É preciso desenvolver a habilidade de perceber o outro, o ambiente, e de reconhecer que, no processo de ensino e aprendizagem, os alunos não serão somente mediadores de conhecimentos, mas reconstrutores, comunicadores do conhecimento, oradores e transmissores da história, dos costumes e da cultura de um povo.

A comunicação oral é uma ferramenta indispensável para transformar informação em compreensão, por isso, é necessário que os profissionais da atualidade reconheçam a importância da comunicação oral/verbal na construção de sua profissionalização.

Contemplar o trabalho da comunicação oral como um fator essencial em sala de aula, em prol do desenvolvimento do aluno, deve ser uma tarefa do professor responsável pela formação dos futuros pedagogos, já que por motivos naturais e sociais as escolas não têm assumido essa função. De certa forma, essa atitude concorre para o estabelecimento do caos linguístico verbal e escrito que pode ser observado hoje no espaço escolar, e que pode afetar o aluno mais tarde na vida social e profissional.

A falta de clareza na comunicação oral, de oratória e sua dinâmica, na sala de aula interfere na evolução sistemática do indivíduo, pois o desenvolvimento humano e o avanço das civilizações está intrinsecamente ligada ao progresso do sujeito autônomo e crítico.

Em determinadas circunstância da vida, a boa comunicação oral adequada pode ser mais importante do que o conhecimento técnico sobre determinado assunto. Somos avaliados desde o nascimento, com base no que falamos e realizamos e, à medida que crescemos, vamos desenvolvendo características próprias de comunicação oral, com base em experiências de vida , em características inatas ou em práticas e técnicas desenvolvidas na vivência pessoal ou profissional.

A Comunicação oral nos cursos de Pedagogia

A comunicação oral é condição básica da convivência humana, mas mesmo assim é negligenciada na prática educativa, ora por passar despercebida, ora por não ser considerada importante no processo de ensino e aprendizagem, ou simplesmente por não ser considerada nas estratégias concretas de intervenção nos processos avaliativos utilizados pelos professores.

Propor situações didáticas, nas quais essas atividades façam sentido de fato, é dar o devido valor a essa habilidade específica do ser humano.

Cabe à escola promover situações que ensinem aos alunos a linguagem oral, utilizando-se de recursos didáticos e metodológicos, como: *seminários, debates, peças teatrais, entrevistas, conversas informais, etc.*

É preciso reconhecer a necessidade de uma ação planejada, por parte do professor, que oriente no contexto de sala de aula a elaboração de discursos competentes, quando o locutor ou falante está ocupando espaço previamente reconhecido pelos interlocutores. Dessa forma, é certo que a construção da habilidade de comunicação oral deve ser melhor desenvolvida nos cursos e disciplinas que integram a estrutura curricular do curso de Pedagogia.

As práticas pedagógicas, em sala de aula, são permeadas de inúmeras intenções, mas o que acontece é que muitas vezes os procedimentos de ensino não são explorados adequadamente. Por exemplo: o professor dá aulas expositivas e os alunos são estimulados a permanecer em silêncio; o professor distribui trabalhos em grupos, mas não presta atenção à apresentação dos alunos, não corrige, nem estimula os processos de comunicação oral; debates entre alunos são considerados “briga e discussão” e logo silenciados pelos professores; alunos que respondem ao professor são considerados desrespeitosos... Enfim, no ambiente escolar, o aluno que tem dificuldades em expressar suas ideias é considerado muitas vezes como desinteressado e é tratado com sarcasmo e desconfiança, tanto por parte do professor responsável, quanto pelos colegas de classe. A dificuldade de falar em público não requer outra abordagem didática e metodológica que indique uma solução para o problema, ou seja, não existe uma compreensão de que o aluno com

dificuldades de comunicação oral precisa receber um atendimento “diferenciado”, mesmo levando-se em conta que o curso em que ele está inserido tem objetivos específicos de formar um profissional da educação.

O problema é perceber que a dificuldade dos alunos universitários não está somente em compreender textos e organizar ideias por escrito.

Existe também uma grande dificuldade argumentativa e de expressão verbal, que prejudica o ensino e a sua atuação futura como professor, pois “Sabemos que a linguagem oral eficiente possibilita ao homem representar a realidade física e social e sua autonomia”. (PCN de Língua Portuguesa, 1998, p. 24).

O ensino da comunicação oral deve ser apontado e sugerido como forma de aprimorar a linguagem dos alunos dentro e fora das salas de aulas. As instituições de ensino, em geral, e os cursos de Pedagogia, em particular, precisam ampliar as competências e habilidades de comunicação oral de seus estudantes, através do planejamento e execução de situações escolares.

Relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didáticos-pedagógicos, pode auxiliar no domínio das tecnologias de informação e comunicação, necessárias ao desenvolvimento de aprendizagens significativas.

A comunicação oral adequada ganha relevância quando se considera que o educador deve estar habilitado, segundo os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa, para o trabalho sistemático com a linguagem oral de seus alunos, que visa a ampliação das possibilidades de inserção e participação social.

Outra alternativa, disponível aos egressos dos cursos de Pedagogia para buscar uma formação mais completa e de qualidade, é manter o compromisso de se qualificar continuamente, no sentido de intensificar esforços para cumprir a tarefa que têm nas mãos quando saem da universidade.

A formação continuada desempenha um papel importante na construção de um profissional articulado, que reconhece suas dificuldades e suas habilidades.

No PCN de Língua Portuguesa, a linguagem é apresentada “como atividade discursiva e cognitiva” e a língua como “sistema simbólico utilizado por uma

comunidade linguística”. As orientações para o uso da linguagem verbal, estabelecem os seguintes objetivos (1998 p. 77-8).

No processo de construção e produção de textos orais, espera-se que o aluno:

- Planeje a fala pública usando a linguagem escrita em função das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos pelo professor;
- Considere os papéis assumidos pelos participantes, ajustando quando necessário o texto à variedade lingüística dos ouvintes;
- Saiba utilizar e valorizar o repertório lingüístico de sua comunidade na produção de textos;
- Monitore seu desempenho oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores e reformulando o planejamento prévio, quando assim for exigido;

Com relação ao processo de escuta de textos orais, espera-se que o aluno:

- Amplie, progressivamente, o conjunto de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais, envolvidos na construção dos sentidos do texto;
- Reconheça a contribuição dos elementos não-verbais como os gestos, a postura corporal, as expressões faciais, etc.;
- Utilize a linguagem escrita, quando for necessário, como apoio para registro, documentação e análise;
- Amplie a capacidade de reconhecer as intenções do locutor, sendo capaz de aderir ou recusar as posições ideológicas.

Observa-se que os objetivos acima, para serem trabalhados em sala de aula, requerem a participação de profissionais que dominem a língua falada, pois ensinar a língua oral significa, para os envolvidos no processo educativo, ter acesso a usos da linguagem formal e convencional, tendo em vista a importância que o domínio da palavra falada tem no exercício da cidadania.

Bechara (1985) defende que não se trata de ensinar o aluno a falar, mas de mostrar a ele a grande variedade que existe no uso da fala, trata-se de uma conscientização de que a língua não é homogênea e que pode ser trabalhada de diversas formas, do coloquial ao mais formal.

Nas Diretrizes Curriculares do curso de graduação em Pedagogia, a aplicabilidade da linguagem oral está entre linhas no contexto complexo e amplo das intenções curriculares.

Convém explicitar que grande parte dos cursos de Pedagogia, hoje, tem como objetivo central a formação de profissionais capazes de exercer a docência na Educação infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e nas *disciplinas pedagógicas para formação de professores*. (PARECER CNE/CP nº 3/2006)

Para traçar o perfil do egresso do curso de Pedagogia é preciso considerar que:

- O curso de Pedagogia trata do campo teórico-investigativo da educação, do ensino, de aprendizagens e do trabalho pedagógico que se realiza na práxis social;
- A docência compreende atividade pedagógica inerente a processos de ensino e de aprendizagens, além daquelas próprias da gestão dos processos educativos em ambientes escolares e não escolares, como também na produção e disseminação de conhecimentos da área da educação; etc.

Desse ponto de vista, o perfil do graduado em Pedagogia deverá contemplar consistente formação teórica e prática de matérias fundamentais como a gramática, a linguística, a matemática básica, etc., ou seja, abranger uma grande diversidade de conhecimentos que vão se articulando ao longo do curso e no decorrer das necessidades emergentes.

Nas diretrizes curriculares desse curso o tema da comunicação oral, como habilidade para o exercício da profissão, não é mencionado, mas isso não significa que seja importante na formação desse profissional, como pode ser entendido no artigo 5º, no parágrafo terceiro, quando afirma que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

- Fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do ensino fundamental;
- Reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas do educando nas suas relações individuais e coletivas;
- Relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de

informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas;

Assim, tudo que for favorável ao aperfeiçoamento e à atualização de competências e habilidades do pedagogo, para que ele exerça o descrito acima, deve fazer parte dos conteúdos previstos nos cursos de graduação. E o desenvolvimento das habilidades de comunicação oral e de expressão verbal devem estar presentes nesse contexto educativo já que comunicar é a ação primeira dos sujeitos que se dedicam à educação das novas gerações.

O professor que, ao concluir seu curso de formação, não esteja apto a comunicar-se com eloquência e competência, tende facilmente à frustração e ao fracasso. Pior do que isso, seus alunos passam a ser vítimas dessa frustração e desse fracasso. Para tanto, é necessário que o educador não só esteja consciente de suas limitações, mas também esteja pronto e comprometido com processos formativos, na forma de educação continuada.

Livros, jornais, cinema, teatro, literatura, etc, são meios indispensáveis a qualquer educador preocupado com sua formação, pois manter-se atualizado em relação ao mundo em que vive e atua é fundamental.

Aperfeiçoar-se constantemente, através de novas técnicas, novos métodos de ensino, novas experiências educativas deve ser o caminho do educador, pensando que em qualquer atividade humana não existe espaço para a estagnação, e que o profissional da educação precisa ser o pioneiro na busca do aprimoramento pessoal.

A formação continuada deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, para fornecer aos profissionais os meios para uma ação autônoma e que facilitará o dinamismo de sua prática.

Por isso, compreender a comunicação oral como processo de legitimação do discurso docente é fundamental para os pedagogos.

O professor é, muitas vezes, uma referência social, suas atitudes e seu comportamento fazem parte da imagem concreta, criada socialmente, que pode ser uma mera visão folclórica, mas que toma proporções universais.

É necessário promover no ambiente educacional um processo de desenvolvimento de habilidades e competências, que vise à formação integral desse

profissional, bem como uma busca pessoal permanente, pela inserção duradoura e qualificada no mercado de trabalho, tão diversificado e competitivo, que deve dar conta de agregar valor a sua formação, primando pelo aperfeiçoamento contínuo de sua especificidade docente, o que se explicita também pela comunicação oral, além da sua presença confiante diante de sua plateia.

É preciso que o aluno formado em Pedagogia seja um profissional da educação capaz de expor uma ideia, transmitir conhecimento e informações, construir raciocínios explicativos, levantar questões e produzir conhecimentos científicos. E as habilidades de comunicação oral e escrita tornam-se, cada vez mais, habilidades fundamentais para o incremento da satisfação pessoal e o reconhecimento profissional. Cabe ao profissional buscar o aperfeiçoamento contínuo, seja por caminhos da prática, seja pela formação continuada, para desenvolver qualidade de comunicação oral e eficiência comunicativa do discurso, incorporar aspectos básicos de postura gestual, compreender as bases da oratória e perceber-se como comunicador.

O trabalho do educador é autônomo, sua contribuição depende muito das suas qualidades individuais, por isso a busca pela sua qualificação é subjetiva, ou seja, sua capacidade de pensar e de decidir vêm de sua autonomia e de sua auto-avaliação. O conhecimento de si próprio e o uso coerente desse conhecimento está na base da busca pela sua formação.

A reflexão constante fortalece e aprimora habilidades pouco desenvolvidas na formação inicial, e não é característica do verdadeiro educador deixar amortecidas certas deficiências pessoais. Por isso, a melhor qualidade do educador revela-se na sensibilidade do gesto docente, conforme Terezinha Azeredo Rios expressa tão bem no livro **Compreender e Ensinar**.

A melhor qualidade não é sinônimo da “qualidade total”. O ensino da melhor qualidade é aquele que cria condições para a formação de alguém que sabe ler, escrever e contar. Ler não apenas cartilhas, mas os sinais do mundo, a cultura de seu tempo. Escrever não apenas nos cadernos, mas no contexto de que participa, deixando seus sinais, seus símbolos. Contar não apenas números, mas sua história, espalhar sua palavra, falar de si e dos outros. Contar e cantar nas expressões político-sociais, nas manifestações religiosas, nas múltiplas e diversificadas investigações científicas. (2006, p. 67)

Partindo da observação de que os estudantes de Pedagogia deveriam ser tecnicamente competentes, no entanto, são frequentemente fracos em comunicação oral, cabe aos professores desses alunos propor uma estrutura de conteúdos programáticos para desenvolver esta habilidade, a partir de alguns exercícios a serem vivenciados em qualquer disciplina desde o início do curso, em diferentes situações, na forma de:

1. Auto-apresentação rápida;
2. Apresentar considerações sobre o que pensam e o que esperam do curso;
3. Participar de debates, sobre as condições atuais do professor na sociedade, no mercado de trabalho, entre outros temas;
4. Realizar uma apresentação pessoal sobre qualquer assunto relacionado ao curso, que poderá ser selecionado livremente pelos alunos, como artigos recentes de revistas, jornais, internet, etc.

Esses exercícios não só promoverão um desenvolvimento básico do hábito de falar, de verbalizar ideias, mas ainda de reflexão sobre a profissão do pedagogo, sobre sua própria atividade linguística.

Destaca-se, desta maneira, a importância do professor, em sala de aula, ponto de partida para que o aluno desenvolva hábitos de falar com eficiência, desembaraço e certa elegância, além da aquisição e assimilação do conteúdo principal da disciplina.

Na verdade, a introdução de atividades para melhorar as habilidades de comunicação oral dos estudantes de Pedagogia não os transformará, instantaneamente, em comunicadores competentes.

No entanto, possibilitará a identificação, por parte do professor, de fatores que inibem a comunicação oral em público, possibilitando assim uma tomada precoce de decisões que venham futuramente ajudar a promover o desenvolvimento dessas habilidades nos alunos que não são proficientes na comunicação oral.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Introdução

No intuito de realizar os objetivos específicos que orientaram a pesquisa, ou seja, de: Identificar o grau de importância atribuído à comunicação oral para o sucesso profissional do docente; e Diagnosticar os momentos da aula em que os saberes de comunicação oral são trabalhados pelos professores, com a intenção formal de desenvolver as competências relacionadas à oratória nos alunos, foi necessário empregar metodologia exploratória, após levantamento e fundamentação bibliográfica.

Foi realizado um estudo de caso, pela observação de vivências acadêmicas dos estudantes, relativas ao processo de desenvolvimento da competência de comunicação oral ocorrida em sala de aula, segundo Roteiro de observação elaborado previamente (Anexo 1).

A observação das atividades acadêmicas foi complementada pela aplicação de um questionário com questões fechadas, aos alunos presentes às aulas observadas, (Questionário, em Anexo 2), no sentido de identificar suas atitudes frente aos desafios de falar em público, e suas percepções, em relação ao desempenho acadêmico e à competência de comunicação oral.

Relato de observação das aulas

As observações em sala de aula, inicialmente realizadas com os sujeitos do processo ensino-aprendizagem, professores e alunos, tiveram a intenção de analisar as relações pessoais e afetivas, pois conhecer e identificar as relações pessoais existentes entre professor e aluno pode oferecer uma visão mais ampla e completa de toda dinâmica existente na sala de aula.

O público alvo desta pesquisa são alunos de 1º semestre do curso de Pedagogia de uma Universidade particular do interior paulista, especificamente, na cidade de São José do Rio Preto. A professora titular da classe é Leila, que atua também como coordenadora do curso de Pedagogia e de Pós-graduação da Instituição.

As relações pessoais e afetivas estabelecidas nessa turma são bastante significativas, pois a professora é uma pessoa extrovertida e afetuosa, que trata com atenção e respeito todos os alunos, sempre em busca de atender com eficiência às reivindicações e as dúvidas dos alunos.

A professora, ao entrar na sala de aula, cumprimenta a todos, e na introdução da aula repassa o que foi visto no encontro anterior, abrindo um espaço para que as dúvidas sejam esclarecidas e perguntas sobre o assunto estudado possam ser feitas. Dessa forma, ela chama, retorna ao conteúdo anterior. Nessa simples introdução da aula, é possível perceber o interesse da professora em dar a palavra aos alunos, mesmo quando fala de assuntos triviais como notícias de jornal ou condições climáticas.

Os alunos respondem aos comentários feitos pela professora, alguns relatam acontecimentos de sua rotina. A sala parece estar bem à vontade e pode-se perceber que existem grupos organizados e separados dos demais, a interação entre todos os alunos está limitada apenas ao cumprimento formal (boa noite, como vai etc.).

As questões sobre o conteúdo estudado na aula anterior não são de interesse de todos, sendo necessária uma intervenção da professora para dar continuidade à aula.

A professora Leila, que leciona Didática nessa Universidade, demonstrou uma grande disposição em participar da pesquisa, sua colaboração foi de extrema importância e seu interesse pelo tema proporcionou momentos de reflexão e enriquecimento do referido estudo.

A sala era pequena, tinha no total 23 alunos, um bom número para permitir realizar um trabalho de qualidade. Inicialmente, foi planejada uma atividade em que o seminário seria a forma de avaliação das habilidades de comunicação oral dos alunos.

Para que o seminário seja eficiente é preciso que o professor faça alguns esclarecimentos iniciais, pois o aluno, ao tomar o lugar do professor, deve estar preparado para fazer isso da melhor maneira possível, considerando que os ouvintes são seus colegas de turma e que não são especialistas. Por isso, cabe ao professor orientar a turma quanto à estrutura da atividade (seminário, debates, entrevistas, etc.), em relação às atividades preparatórias para a execução da tarefa (pesquisa sobre o tema, esquema da apresentação em slides, projetor multimídia, a escolha certa do texto base).

Os alunos precisam compreender a necessidade de dominar o assunto e de organizar bem os dados para que a mensagem a ser transmitida seja clara e eficiente. Seguindo as diretrizes do trabalho de pesquisa, a professora Leila direcionou a coleta de dados a partir de três etapas, descrita a seguir:

A primeira fase da experiência:

Sem qualquer orientação anterior, a professora propôs um relato oral sobre um texto que fazia parte dos conteúdos de ensino da disciplina do curso. Depois de lerem o texto, cada aluno ficou encarregado de explicar uma parte para os colegas.

O relato aconteceu com os alunos sentados, com as carteiras dispostas em círculo. Observou-se que todos estavam bem à vontade, não houve sinal de qualquer constrangimento ou nervosismo. A atividade ocorreu com algumas intervenções da professora, a fim de retomar a discussão inicial, pois como é de costume o assunto acaba fugindo um pouco do conteúdo principal. Em alguns momentos, houve por parte dos alunos distorções, no que se refere à interpretação

e ao entendimento do texto, mas, quanto ao foco dessa experiência, que era a comunicação eficiente por meio da oralidade, poucos alunos deixaram de falar claramente, e a preocupação principal entre eles foi quanto à forma correta do falar. Chegando mesmo a ser observado que em alguns momentos, eles retomavam o discurso e corrigiam suas falas.

No sentido de propiciar não apenas a produção, mas também a reflexão dos alunos sobre suas falas, a professora durante as exposições propôs uma atividade com perguntas, o que resultou em interessantes opiniões e observações por parte deles alunos, como: nunca pensaram no assunto, só se preocupavam na hora da apresentação, sentiam vergonha e timidez em falar para a classe com receio das gozações dos colegas, entre outras.

Percebe-se que falar corretamente, saber expor ideias, argumentar e persuadir são questões desconhecidas para esses alunos, que ainda não foram apresentados ao verdadeiro sentido da comunicação oral eficiente.

A segunda fase da experiência:

A professora, em outra aula, iniciou a atividade falando das necessidades fundamentais que todos os profissionais da atualidade precisam ter quanto ao domínio da fala para se comunicarem em todos os âmbitos sociais. Foi, na verdade, uma pequena apresentação do tema do meu trabalho. Solicitou algumas vezes a minha participação para completar o que ela estava explicando quanto aos procedimentos corretos e esperados para uma boa apresentação, alguns problemas existentes em uma apresentação, o que se espera de uma boa aula, os pontos fortes e fracos de um locutor, o que os ouvintes precisam observar em uma palestra ou seminários etc.

Proporcionou formas de reflexão em que os alunos deveriam se perceber como falantes citou algumas situações da aula anterior em que alguns alunos, ao apresentar para os colegas a explicação do texto, não agiram corretamente, manifestando, por exemplo, a falta de domínio do conteúdo. Explicou ainda que, quando se conhece bem o assunto a ser apresentado, as dificuldades de comunicação diminuem muito.

Falar do que se sabe é mais fácil, o vocabulário enriquece e as palavras fluem com clareza, o que proporciona veracidade aos fatos. Nesse momento a professora aplicou e debateu com os alunos o resultado da primeira etapa do questionário que consistia em uma atividade de auto-avaliação dos alunos percebendo-se como falantes.

Parte I - Auto-avaliação:

1. Sou facilmente compreendido quando falo? () sempre; () às vezes; () nunca
2. Falo pouco (), demais (), ou “na medida” ()?
3. Costumo traduzir satisfatoriamente meus pensamentos em palavras, que digo aos outros? () sempre; () às vezes; () nunca
4. Tenho dificuldades em escolher corretamente as palavras? () sempre; () às vezes; () nunca
5. Tenho dificuldades em pronunciar corretamente as palavras? () sempre; () às vezes; () nunca
6. Costumo falar em público? () sempre; () às vezes; () nunca
7. Sou escolhido por meus colegas de classe para falar? () sempre; () às vezes; () nunca
8. Tenho dificuldades de falar em público? () sempre; () às vezes; () nunca

Quanto aos resultados, não houve surpresas. A maioria dos alunos respondeu que tinha dificuldade em ser compreendidos, pois muitas vezes não conseguiam traduzir seus pensamentos em palavras. A dificuldade estava em escolher as palavras certas para aplicar ao discurso do momento, principalmente porque se confundiam nessas escolhas. Os alunos também responderam que falar em público não é uma coisa habitual no seu cotidiano e que só pensavam nas suas dificuldades quando chegava o momento da apresentação em si. E que, geralmente quem era escolhido para apresentar o trabalho ou para ser o primeiro do grupo a falar, era sempre o que tinha maior facilidade em se expressar e que, conseqüentemente, era sempre o mais desinibido. Ou seja, os alunos que tinham

problemas para se expressar esquivavam-se quando possível da apresentação ou ficavam com a menor parte das tarefas.

Foram colocadas mais algumas questões espontâneas como: **“O que significa em sua opinião, falar bem?”** Os alunos responderam que: era agradar a plateia, não errar o texto, saber usar palavras difíceis, falar calmamente e não demonstrar nervosismo aos colegas, não esquecer o assunto da apresentação etc.

Pedimos ainda, aos alunos, alguns exemplos de pessoas ou celebridades atuais que se destacam por sua performance em falar bem. As respostas obtidas foram: políticos em geral, advogados, artistas de televisão, jornalistas, Presidente da República, etc. O que nos surpreendeu foi que nenhum aluno destacou os professores entre esses profissionais.

Foi possível observar que os exemplos correspondem a pessoas que freqüentemente aparecem na mídia, e que os exemplos mais próximos, como os professores e diretores do ambiente acadêmico, simplesmente passam despercebidos. Esse aspecto parece interessante e polêmico e deve ser considerado em futuros debates com a turma de alunos. Ele permite destacar a grande influência que as pessoas públicas têm sobre a sociedade e, ao mesmo tempo, perceber que o professor não tem destaque nesse sentido junto aos alunos.

A terceira fase da experiência:

A última etapa da investigação foi elaborada em torno de um seminário estabelecido anteriormente. A professora propôs que fosse aproveitado um trabalho já programado, em que os alunos tinham que planejar uma aula para fins de avaliação do 1º bimestre. Tratava-se de uma aula, preparada pelos alunos, em que iriam utilizar os Parâmetros Curriculares Nacionais como fonte de pesquisa.

Os grupos já estavam formados e os alunos tinham a tarefa de elaborar um pequeno projeto interdisciplinar de cada uma das matérias obrigatórias (português, matemática, ciências, história e geografia). Inicialmente, seria apresentado um resumo do trabalho para os colegas da turma, demonstrando como seria desenvolvido o projeto junto aos alunos do ensino fundamental, destacando os materiais didáticos, os recursos e os conteúdos.

A apresentação estava bem estruturada e planejada, os recursos didáticos foram escolhidos pelos grupos, e o tempo foi determinado em 30 minutos.

Para analisar o trabalho dos grupos foram utilizadas gravações transcritas, realizadas nos momentos de apresentação de seminário, e anotações feitas pela própria professora da turma.

A coleta de dados foi realizada durante todas as apresentações. Cinco grupos foram formados, cada um escolheu uma das matérias obrigatórias do currículo. A professora estabeleceu três critérios para orientar a avaliação dos grupos:

1. O autocontrole no momento da apresentação do seminário (nervosismo, timidez);
2. A postura gestual e corpora (as pausas, o tom de voz, a clareza);
3. A eficiência da linguagem (organização do texto oral, forma de linguagem formal e informal).

A análise dos dados produzidos pelos alunos durante as apresentações do seminário, em relação ao item 1, mostrou que em cada grupo um aluno se destacava na arte de falar bem e que era esse aluno quem iniciava o trabalho, em busca talvez de acalmar os demais colegas e possibilitar o andamento da apresentação.

A técnica utilizada pelos grupos caracterizou-se pela leitura em voz alta dos textos, e a única interação com a platéia deu-se através de gestos e de olhares rápidos. Os recursos de ensino, como o projetor multimídia, não foram bem utilizados, e as comunicações se constituíram apenas de falas também rápidas.

De uma forma geral, podemos dizer que um dos principais motivos que impede ou dificulta, para a grande maioria dos alunos assumir o papel de expositor ou de locutor é o fato de que o seminário ainda não é uma atividade significativa para eles. Ou seja, os alunos precisam pensar nesse instrumento de ensino-aprendizagem como uma ferramenta que propicia o desenvolvimento da comunicação oral na sua formação.

Os seminários, como as aulas expositiva, debates, etc. são atividades que oferecem oportunidade real de utilizar diferentes recursos da linguagem formal,

possibilitando ao aluno apropriar-se do papel que geralmente é destinado aos professores.

Utilizar diferentes contextos para desenvolver habilidades de comunicação oral nos alunos é, acima de tudo, oportunidade de introduzir a prática do diálogo e de ampliar as visões sobre as competências que o pedagogo precisa ter para o exercício de sua profissão.

Resultados da aplicação dos questionários

Como descrito, o questionário foi aplicado em sala de aula, durante uma atividade coordenada pela professora da turma, aos 23 alunos presentes. Foram obtidos os seguintes resultados:

Questão 1: Os estudantes com melhor desempenho acadêmico, são aqueles que demonstram maior habilidade de comunicação oral.

() concordo; () concordo, mas conheço exceções; () discordo

Os 23 alunos declararam concordar com essa afirmação. 19 marcaram a alternativa *concordo* e 04 marcaram *concordo, mas conheço exceções*.

Questão 2: A habilidade de comunicação oral, para grandes ou pequenos públicos, é muito importante para o sucesso profissional do Pedagogo.

() sim; () às vezes; () não

Em resposta a essa questão, 20 alunos marcaram *sim* e 03 alunos marcaram *às vezes*.

Questão 3: Os estudantes de Pedagogia são estimulados a desenvolver competências de comunicação oral nas atividades de ensino e aprendizagem no decorrer do curso.

() sim; () às vezes; () não

Nesta questão, as respostas invertem a frequência da questão anterior, quando apenas 02 alunos anotam *sim* e 21 alunos marcam *às vezes*.

Questão 4: Em sala de aula, você reconhece o interesse de seus colegas em participar de atividades que propiciem o desenvolvimento da habilidade de falar em público.

() sim; () às vezes; () não

As respostas mostram que os alunos se dividem em relação a esse eventual interesse observado nos colegas. 09 marcaram a alternativa *sim*, 03 às vezes e 11 *não*. De forma geral, parece que metade da classe não reconhece o interesse dos colegas por aperfeiçoar sua habilidade de falar em público.

Questão 5: Os professores que atuam no curso de Pedagogia possuem adequada habilidade de comunicação oral.

() todos; () a maioria; () menos da metade; () nenhum.

Em resposta a essa questão, os alunos revelaram unanimidade: os 23 marcaram a alternativa *sim*.

Análise dos resultados

O resultado da resposta à **pergunta 1** indica haver concordância dos respondentes de que o desempenho acadêmico está associado à maior capacidade de comunicação oral em público. Tal conclusão poderia indicar que as atividades de formação acadêmica, ao longo do curso, tendem a favorecer o desenvolvimento da habilidade de comunicação oral e que essa habilidade está diretamente ligada ao maior ou menor grau de conhecimento sobre o tema da exposição.

O vocabulário diversificado e a confiança do locutor estão relacionados ao saber e ao domínio do conteúdo. Isso parece indicar que a prática de falar em público não depende apenas da experiência profissional. É preciso considerar que nas vivências pessoais e no exercício da profissão é que as dificuldades e deficiências individuais são superadas e aprimoradas, sempre com base no domínio dos conteúdos a serem expostos.

Os alunos revelam percepções semelhantes quando respondem à **pergunta 2**. Todos entendem que a habilidade de comunicação oral é fator importante para o exercício da docência, pois para gerar, disseminar e transmitir informação e conhecimento é necessário expressar-se bem e dominar a língua falada tanto quanto a escrita.

Em torno da **pergunta 3** os alunos não apresentam divergência significativa, de forma que a resposta que se destaca é “às vezes”. De fato, os alunos por não entenderem o propósito de aulas expositivas (seminários, debates, etc.), acreditam que são raros os momentos em que eles são estimulados a desenvolver suas habilidades para uma comunicação oral eficiente no decorrer de sua formação acadêmica. Mas, considerando que esses alunos ainda estão no 1º semestre do curso, essa resposta fica comprometida.

A **pergunta 4** teve um sentido ambíguo para os alunos, pois entenderam que se tratava de analisar o colega por suas iniciativas em falar nas apresentações já propostas pelos professores. Todos admitem que os colegas da sala, com pequenas exceções, não desejam executar atividades que os auxiliem no desenvolvimento de suas habilidades de falar em público.

Considerando a **pergunta 5**, os alunos foram unânimes em responder que os professores possuem destacada capacidade de comunicação oral. Nesse ponto a capacidade de comunicar-se está diretamente ligada à competência de transmitir conhecimento e à habilidade de interagir dos professores. Os alunos não estão considerando nessa pergunta o grau de conhecimento que os professores possuem, mas a relação estabelecida pela comunicação oral entre professor, aluno e conteúdo curricular. Nesse ponto, é interessante observar que, quando convidados a indicar exemplos de pessoas que demonstravam habilidade de comunicação oral, lembraram-se de figuras públicas e não mencionaram seus professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O domínio da comunicação oral enriquece o fazer pedagógico em todas as suas dimensões, e saber falar é uma das muitas habilidades e competências que o professor precisa adquirir para conquistar a atenção do seu aluno e desenvolver o conteúdo com sucesso. É fundamental estimular a reflexão sobre o assunto e trazer para as salas de aula o estudo da oratória.

Tratar a oralidade nas disciplinas dos cursos de graduação torna-se viável e necessário, pois essa habilidade é indispensável haver capacitação dos futuros professores para a arte da comunicação. Cabe aos professores resgatar o valor que o estudo da oratória tem para o exercício profissional do pedagogo e, ao mesmo tempo, proporcionar momentos de reflexão e percepção quanto à diversidade linguística existente no país.

Considerando os resultados obtidos na pesquisa realizada com alunos de 1º semestre do curso de graduação em Pedagogia de uma Universidade particular situada em São José do Rio Preto/São Paulo, foi possível perceber que a grande maioria dos entrevistados concorda que a comunicação oral é muito importante para o desempenho acadêmico e profissional dos pedagogos.

Ela se destaca como sendo uma das habilidades básicas e fundamentais desse profissional. Mas, por outro lado, foi possível observar que ao escolher o curso esses indivíduos não pensaram em suas limitações pessoais quanto à comunicação. Não pensaram em nenhum momento nas habilidades e competências que o curso lhes exigiria no exercício da docência, considerando que a Pedagogia tem como objetivo principal melhorar o processo de aprendizagem dos indivíduos, por meio da reflexão, da sistematização e da produção de conhecimentos. Também não consideraram que cabe ao Pedagogo, entre outros profissionais de educação, propiciar o desenvolvimento sócio-cultural de seus alunos, para torná-los seres emancipados, autônomos e conscientes, por meio de atitudes fundamentais à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

E ainda que é função do pedagogo produzir e difundir o conhecimento científico de forma interdisciplinar e contextualizada, para oferecer a seus alunos um

conhecimento abrangente que permita estabelecer ligações entre atividades profissionais e sociais; que é necessário saber usar diferentes linguagens e tecnologias, buscar sempre uma auto-aprendizagem que desenvolva diferentes habilidades e competências. Enfim, que é preciso compreender que a pedagogia faz parte de uma ampla e consistente visão da educação e da prática educativa em diferentes âmbitos sociais.

Por isso, criar condições para que os alunos dos cursos de Pedagogia desenvolvam a capacidade de comunicação oral e de atuação adequada em relação ao conjunto de significados que constitui a ação educativa é de suma importância, salientando que não existem diretrizes curriculares que contemplem sua prática em sala de aula de forma obrigatória e sistematizada.

O desenvolvimento da habilidade de comunicação oral ao longo da formação acadêmica nos cursos de Pedagogia representaria um acréscimo na qualificação para o exercício cognitivo do pensamento e da prática docente, contribuindo para transpor barreiras subjetivas de muitos alunos.

É preciso ter consciência de que é ofício da escola fornecer estratégias para uma comunicação natural e espontânea por meio de atividades como: orientar a respeito da expressão corporal durante a fala em público, em relação aos gestos, à postura, à expressão facial, aos exercícios práticos de postura de voz, às técnicas que auxiliam a manter o foco no conteúdo exposto, à atenção e concentração, às técnicas de articulação e pronúncia das palavras, etc. E ainda, considerar nesse processo de formação, o fato de que, na fala, a pessoa está frente a frente com o interlocutor, o que não ocorre no texto escrito, e que o foco do trabalho do pedagogo é, em geral, a criança em processos de alfabetização e de aquisição de repertório vocabular.

Reafirmo que o ensino da oralidade permite aos alunos de Pedagogia observar a língua materna em pleno funcionamento, permite ao sujeito atuar com habilidade, ora falando, ora expondo suas ideias, ora escrevendo, etc. O ensino da comunicação oral na sala de aula permite que o professor desenvolva aulas atraentes e dinâmicas, pois diante dos diferentes estudos sobre o funcionamento do oral possibilitará um contato mais amplo de seus alunos com diferentes situações de interação comunicativa e de produção de diferentes textos.

Acredito que a oratória é uma arte, mas que torna-se uma necessidade quando nos deparamos com as exigências atuais do mercado de trabalho. A desenvoltura oral é requisito de todo e qualquer profissional moderno e atualizado que está comprometido com sua qualificação.

Alguns fatores contribuem para justificar essa afirmação. Entre eles, por exemplo, a idéia de que cada vez mais não se admitem discursos vazios e sem sentido; de que a comunicação está mais complexa em função dos múltiplos recursos tecnológicos; de que o tempo é escasso e deve-se falar muito em pouco tempo com informações atualizadas.

Por todas essas razões, cito Antônio Nóvoa em entrevista à Revista Nova Escola, quando afirma que. “Manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino e desenvolver práticas mais eficientes são alguns dos muitos desafios da profissão de educador. Concluir o curso de licenciatura é apenas uma muitas etapas desse longo processo de capacitação profissional”.

REFERÊNCIAS

Impressas

- ABREU, Antônio Suárez. **A Arte de Argumentar**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- BECHARA, E. **Ensino da Gramática**. São Paulo: Ática, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASTILHO, A. T. **A Língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. **Filosofia: novo ensino médio**. São Paulo. Ática. 2004 - Séries Novo Ensino Médio - Livro do Professor.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.
- CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 15ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MANARCODA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. 12ª. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **"É Possível ensinar a fala?"** In: Abralín - **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, n 5, 1994.
- _____ **Análise da Conversação**. Ática, São Paulo, 1986.
- NOVA ESCOLA: revista mensal. São Paulo: Ed. Abril, n.142, maio 2001.
- PENTEADO, J.R.W. **A Técnica da Comunicação Humana**. 13ª ed. São Paulo: Pioneira, 1997.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- POLITO, Reinaldo. **Assim é que se Fala**. São Paulo. Saraiva. 2004.
- _____ **Como falar corretamente e sem inibições**. 90ª ed. São Paulo: Saraiva 2000.

_____ **Técnicas e segredos para falar bem.** São Paulo: IOB Publicações Jurídicas, 1993.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ed. Artes Médicas Sul Ltda. 1998.

_____ (org) **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em sala de aula.** 2ª ed. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas. 1999.

Eletrônicas:

Diretrizes Curriculares Nacionais. Curso de Graduação em Pedagogia.

Disponível em: <http://www.fesp.rj.gov.br/concursos/educacao2008/>.

LEITE, Rosângela Curvo: **Componentes básicos de uma apresentação em público.** Disponível em: <http://www.falarempublico.com.br/>. Acesso em: 12/12/2009.

NOVOA, Antonio. **Educar para Crescer:** Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.shtml>. Acesso em 28/9/2009.

RIBEIRO, J.F. **Habilidades de Comunicação Oral de Estudantes de Ciências** Disponível em: www.fecap.br/extensao/artigoteca/Art_010.pdf. Acesso em 30/8/2009.

Componentes básicos de uma apresentação em público <http://www.falarempublico.com.br/index.php?lingua>. Acesso em 21/02/2010.

ANEXO 1

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS

Objetivos:

- Observar as práticas de linguagem oral entre professor e alunos e entre alunos, no contexto da sala de aula;
- Identificar as orientações feitas pelo professor aos alunos sobre o uso da palavra em situações de apresentação de trabalhos ou debates.

Observar e registrar exemplos:

1. Em relação ao professor:

- Cumprimenta os alunos? (bons dias, bons tarde, bons noite, como passaram?).
- Faz comentários gerais? (tempo, temperatura, horário, trânsito, atrasos).
- Dá orientações relativas à aula? (caderno, exercícios, texto).
- Retoma aula anterior? (faz breve síntese ou pergunta onde parou?).
- Ouve respostas dos alunos? Estimula a comunicação? Interrompe a fala dos alunos?
- Fornece orientações sobre a atividade a ser realizada? Faz re-orientações?

2. Em relação aos alunos:

- Respondem à saudação do professor?
- Respondem aos comentários gerais e acrescentam informações?
- Pedem orientações ou solicitam esclarecimento de dúvidas?
- Respondem sobre aula anterior?
- Mostram-se estimulados a falar? Reconhecem a importância de seu discurso?
- Demonstram haver compreendido as orientações do professor?
- Manifestam concordância ou discordância, em relação à proposta de aula do professor?

ANEXO 2

QUESTIONARIO

Por favor, marque apenas **a alternativa** que melhor responda a cada questão.

Parte I - Auto-avaliação:

- 1- Sou facilmente compreendido quando falo? () sempre; () às vezes; () nunca
- 2- Falo pouco (), demais (), ou “na medida” ()?
- 3-Costumo traduzir satisfatoriamente meus pensamentos em palavras, que digo aos outros?
() sempre; () às vezes; () nunca
- 4-Tenho dificuldades em escolher corretamente as palavras? () sempre; () às vezes; () nunca
- 5-Tenho dificuldades em pronunciar corretamente as palavras? () sempre; () às vezes; () nunca
- 6-Costumo falar em público? () sempre; () às vezes; () nunca
- 7-Sou escolhido por meus colegas de classe para falar? () sempre; () às vezes; () nunca
- 8-Tenho dificuldades de falar em público? () sempre; () às vezes; () nunca

Parte II - Comunicação oral

- 1- Os estudantes com melhor desempenho acadêmico, são aqueles que demonstram maior habilidade de comunicação oral.
() concordo; () concordo, mas conheço exceções; () discordo
- 2- A habilidade de comunicação oral, para grandes ou pequenos públicos, é muito importante para o sucesso profissional do Pedagogo.
() sim; () às vezes; () não
- 3- Os estudantes de Pedagogia são estimulados a desenvolver competências de comunicação oral nas atividades de ensino e aprendizagem no decorrer do curso.
() sim; () às vezes; () não.
- 4- Em sala de aula, você reconhece o interesse de seus colegas em participar de atividades que propiciem o desenvolvimento da habilidade de falar em público.
() sim; () às vezes; () não
- 5- Os professores que atuam no curso de Pedagogia possuem adequada habilidade de comunicação oral.
() todos; () a maioria; () menos da metade; () nenhum.